

## **De conversa em conversa: Benedito Nunes & Max Martins**

Esta conversa informal entre o poeta Max Martins e Benedito Nunes, ocorreu na casa do filósofo, em 2002. Após Regina Alves ter praticamente encerrado a gravação em vídeo de um depoimento de Benedito, este gaiatamente começou a estimular Max a falar sobre a sua poesia. O registro desse diálogo poético, disfarçado de entrevista, foi apresentado pela primeira vez no *Colóquio Max Martins 90*, entre 14 e 17 de junho de 2016, no Centro de Eventos Benedito Nunes, no campus da UFPA, Belém. Transcrição e edição de Mayara Ribeiro Guimarães.

Recebido em 25 de novembro de 2016.  
Aprovado em 30 de novembro de 2016.

**BENEDITO NUNES:** Max, quanto à última fase, aquela que sucede o *Anti-retrato*, que culmina em *H'era*, depois prossegue em *O risco subscrito*, quais teriam sido, não digo as influências, porém quais as vozes que mais ouviste, teus autores prediletos, por exemplo? Os mais lidos? Não só poetas, mas outros escritores que por acaso tenham sido consideráveis na tua experiência, na formação da tua concepção poética, nas tuas atitudes em relação ao mundo, na tua palavra?

**MAX MARTINS:** Acabei de ver aqui na porta uma foto de Rimbaud, que li mais em traduções e gaguejava em francês. Mas temos Rimbaud, Baudelaire, temos Fernando Pessoa, temos Drummond, Murilo Mendes, Jorge de Lima. Passei a *pensar* também na poesia. Pensar, sonhar, e nos meus devaneios: pensar só poesia. E quando pensava, pensava naturalmente na minha experiência de fazê-la. Pensava na técnica, nos usos da metáfora, na assonância, na aliteração, e era um sonho em que surgia isso, também na memória, como algo surrealista. Então, considero que houve uma mudança a partir de *O risco subscrito*, e já no *H'era* também. E comecei a pensar na poesia que eu fazia e como, então, cheguei até hoje a pensar no poema como fragmento. Usar os fragmentos na poesia, usar a colagem, pensar que a poesia é de toda a comunidade, de toda a coletividade. Cada um canta, tenta cantar, expressar o seu eu, as suas dores de cotovelo, etc.

**BN:** Coletividade dos poetas, é óbvio, não é?

**MM:** Sim. A família dos poetas. Por isso citei naquele poema, naquela noite em que o li, uma epígrafe do Murilo Mendes, que diz: “A poesia sou eu”. A poesia é Altair, que é a grande musa da poesia, que é uma prostituta, o nome já diz. Também é um belo nome – Altair – uma palavra muito poética.

**BN:** Parece uma constelação...

**MM:** É.

**BN:** É a prostituta imaginária.

**MM:** É, a prostituta imaginária, a que se refere o Bob. E a poesia somos todos.

**BN:** Prostituta imaginária é a imagem do Bob Stock, não é? Daquele poema...

**MM:** É, termino o poema com uma colagem, em homenagem a ele. Até o título ia ser “Chianti no parque com o poeta Robert Stock”, mas seria muito comprido. Como é o título desse poema, que é muito comprido. Do Bob.

**BN:** Bom, então, o Bob não foi apenas uma sombra passageira. Quer dizer, o Bob foi uma presença.

**MM:** Sim.

**BN:** E importou no prosseguimento do diálogo que vocês tinham.

**MM:** Sim, que li através da tradução desta série de poemas que o Mário Faustino fez. Outra influência foi Mário Faustino também. Passei a me interessar apaixonadamente por todas as outras artes, não só a poesia. A literatura no romance, as artes plásticas, a música. E comecei a beber coisas destas artes. Tenho pintores prediletos, tenho compositores de que gosto, tem prédios de arquitetos que olho com prazer. Sou capaz de folhear um álbum de arquitetura com prazer. Foi também um aprendizado. Fui formando a minha universidade. Se por acaso tivesse feito um curso de Letras... Às vezes, me preocupava com isso, já que não podia, não tinha um currículo para penetrar na universidade. Hoje dou graças a Deus não ter entrado na universidade.

**BN:** Ainda bem. Não perderia nada.

**MM:** Porque ao me preocupar em fazer esse curso universitário, hoje seria um professor e não seria o poeta que, hoje, acho que sou.

**BN:** Falo aqui, nesse escrito, que serve de introdução à tua poesia, na “evolução polimórfica e ramificada da obra, sob o impulsionamento descontínuo das crises que a

têm movido, como pudemos adiantar. Se considerarmos a descontinuidade, cabe dizer que essa poesia terá nascido mais de uma vez, e que mais de uma vez amadureceu. Porém, aceitando-se para ela a imagem orgânica de amadurecimento, convirá completá-la com a de transformação interna. À semelhança do fruto que se transforma ao morrer, ela tem renascido de cada morte aparente, fênix rediviva das cinzas de suas crises, pois, aqui, morte é sinônimo de paragem, no conflito de um recuo que antecede o avanço, ponto crítico onde uma nova aprendizagem se inicia. Aprendizagem de desaprender, tenacidade que intenta a se desapegar dos hábitos já estabelecidos de sua própria escrita. Este o método do autodidata honesto, jamais habilitado a conferir-se um diploma de fim de estudos”. Isso eu escrevi. Tu concordarias ainda hoje?

**MM:** Ah, concordo, sim. Concordo. E haverá ainda outras crises. Nunca vão terminar as crises, a não ser afinal...

**BN:** Sim, quer dizer, continuar a poesia pra ti significa sempre cultivar o conhecimento dela e do mundo através dela.

**MM:** Sou um filho do modernismo, vamos dizer. Quero sempre mudar alguma coisa. Não mudar, por atitude. Mas o próprio fazer da poesia me exige essa mudança. Então, minha poesia está agora, por exemplo, em crise, mas continuo escrevendo os meus poemas. Mas há um sinal de crise.

**BN:** Notei que os versos estão mais longos, algumas vezes. E notei também que os poemas, algumas vezes, são mais longos do que habitualmente eram.

**MM:** Sim, este último que li à noite, aqui, intitulado “Canção”, é um desses. E se nota também fragmentos diversos de imagens que também se repetem.

**BN:** Fragmentos quer dizer que eram partes de outros conjuntos já escritos?

**MM:** Não. De outros que já também... Sim, inclusive isso. Até de outros poetas, de outros romances, de outros livros. Fui me apossando, daí a dizer naquele dia, na *Tropos*,

[o que é? uma revista? vale uma nota seca?] que poesia também é roubo, trapaça, jogo, bruxaria, mágica. Quero não relatar, mas dizer, nos meus poemas, por portas e travessas, o meu pensamento. Pensamento no sentido comum de pensar coisas, devaneios, etc. Então, há também a necessidade de que o poema seja biográfico, não no sentido de contar histórias da vida cotidiana, de acontecimentos que nada têm com a poesia, mas *transformados*. A palavra é essa: *transformados*.

**BN:** Sim, então quer dizer que da poesia que fazes atualmente e da que fizeste também no passado, há duas formas de pensamento: o pensamento corrente, do dia-a-dia, o pensamento das coisas comuns que nos rodeiam, que nos cercam, e o pensamento a respeito da poesia, pensamento acerca do que estás pensando.

**MM:** Sim, hoje em dia, quase todos os meus poemas são sobre poesia,

**BN:** E há um pensamento do pensamento, se puder se dizer assim.

**MM:** Sim.

**BN:** O que mais, vamos dizer que eu dissesse: “o que mais o companheiro diria sobre sua poesia?”

**MM:** Das influências, falei do Rimbaud, Baudelaire, Drummond, Murilo Mendes. Minhas leituras constantes.

**BN:** O Drummond foi fundamental pra ti.

**MM:** Foi. Mas o Murilo Mendes também. Que sinto mais hoje, de uns anos pra cá. Porque na minha poesia tem um certo surrealismo, tem um certo dadaísmo, tem um certo anarquismo, também.

**BN:** Isso tudo é verdade.

**MM:** Tenho o prazer de passar das fronteiras da lógica comum. Quero transmitir a mancha que é a minha memória criativa.

**BN:** Por que mancha?

**MM:** Eu gosto, nas artes plásticas, das manchas. Não é no sentido moral...

**BN:** Pois é, a coisa que fique toldada. Que a lembrança é sempre feita de esquecimentos.

**MM:** Sim.

**BN:** Uma outra coisa eu gostaria de perguntar também. Estava aqui me aguçando. Estávamos falando em Drummond, não é? E falaste também em Murilo Mendes, Mário, Bob Stock indiretamente, a respeito das traduções.

**MM:** Octavio Paz...

**BN:** Octavio Paz, mais recentemente. Então, quer dizer, na verdade a tua poesia não para, nunca parou. Ela se detém para recomeçar, conforme eu disse antes.

**MM:** Sim, daí também o sentido de fragmento.

**BN:** Fragmento, fragmentação da existência, fragmentação das coisas...

**MM:** É um ciclo, uma crise que não chega a fechar e já está abrindo para outra.

**BN:** O uso dessa palavra fragmento é recente no teu vocabulário, acho.

**MM:** É, depois que li também René Char, Edmond Jabés, isso tudo foi influenciando.

**BN:** Ah, sim. Vamos falar um pouco do Age de Carvalho, em certo momento ele está muito ligado a ti e à tua poesia. Essa ligação foi efetiva em determinado momento quando vocês fizeram juntos um poema, a *renga*.

**MM:** Que foi um confronto...

**BN:** Que foi um confronto.

**MM:** É, também. Não um confronto violento, mas um enfrentamento.

**BN:** Se vocês se enfrentaram, isso significa que havia elementos afins e elementos opositivos.

**MM:** Sim, naturalmente.

**BN:** Quais seriam os elementos afins?

**MM:** O Age vinha do seu primeiro livro, *Arquitetura dos ossos*, em que há marcante influência do Gullar. Então, eram poemas largos, de versos largos. Ele próprio confessa que teve influência minha...

**BN:** Posteriormente?

**MM:** Sim, posteriormente. Então, ele mudou, com relação à admiração pelo Ferreira Gullar. A inspiração dele partiu das nossas conversas.

**BN:** Acho que a relação de vocês é muito especial. Não se pode colocar no mesmo plano, quando falava agora mesmo, em influência de Max Martins. Quer dizer, há poetas que realmente influenciaste, quer dizer, no vocabulário, na concepção de poesia, no próprio uso da palavra. Mas em relação ao Age, acho que é diferente. Vocês tiveram alguma coisa muito umbilical em determinado momento.

**MM:** Ultimamente, vamos nos opondo. Ele já critica poemas meus. Eu critico poemas dele. “Este poema é bom, este não, não gostei”.

**BN:** Ele faz o mesmo contigo.

**MM:** É.

**BN:** É muito curiosa essa relação mestre-discípulo, porque ela não é característica. As posições mudam. O mestre se transforma em discípulo, o discípulo se transforma em mestre.

**MM:** O Age é um ótimo poeta. Quer dizer, ele tem a sabedoria de fazer o poema.